

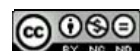
**Roberto Acízelo de Souza (org.), *Historiografía da Literatura Brasileira – Textos Fundadores (1825-1888)*.
Rio de Janeiro, Caetés, 2014, 2 volumes.**

Roberto Acízelo de Souza entende que, no Brasil, “a formação da história literária como disciplina se processa no período que se estende de 1805 a 1888” (vol. I, 5); a primeira data faz referência à *História da poesia e da eloquência portuguesa*, de Friedrich Bouterwek, e a segunda à *História da literatura brasileira*, de Sílvio Romero. Os textos que compõem os dois volumes do presente livro estão compreendidos entre essas duas datas e servem, ainda que com diferentes pesos, para compor um panorama de discursos que procuraram refletir sobre a criação, existência e características de uma literatura brasileira propriamente dita.

Como reconhece Acízelo, o livro por ele organizado supre uma lacuna proveniente da ausência de continuidade do projeto inaugurado por Guilhermino César, que, com o volume *Historiadores e críticos do romantismo – a contribuição europeia: crítica e história literária*, deu início à recolha de estudos assinados por autores estrangeiros sobre uma embrionária história da literatura brasileira. A continuidade desse projeto deveria contemplar autores brasileiros, o que acabou não acontecendo. A partir disso, um critério fundamental a presidir a recolha dos textos que compõem a coletânea de “textos fundadores” foi o da “nacionalidade dos autores”, exceção feita àqueles que se radicaram no Brasil, não obstante terem nascido em outros países, como é o caso de Santiago Nunes Ribeiro, Emílio Adet e Antônio Deodoro de Pascoal.

Junto a essa baliza, outras duas foram observadas na escolha dos textos. Dentro do período de 1805 a 1888, optou-se, entre a produção de autores nacionais, por aquelas que pudessem ser tomadas como “os primeiros ensaios que propunham a criação correlata de uma literatura autenticamente brasileira e de sua historiografia, com vistas a implantar *uma literatura original nos trópicos*” (vol. I, 17. Grifos do autor). Daí se perceber uma forte predominância de debates voltados às características de uma literatura genuinamente brasileira nos escritos coligidos e uma presença marcante de referências à opulência da natureza do Brasil. A terceira baliza, finalmente, procurou privilegiar textos com uma característica mais generalizante, ou seja, que não se restringiam a um único autor ou obra, salvo os casos em que estudos mais particulares ensejavam, ainda assim, considerações mais gerais sobre a literatura brasileira.

Explicitados os critérios de seleção de textos, os quais podem ser incluídos em categorias as mais diversificadas (introduções a antologias de poesias, sínteses históricas, prefácios a obras literárias, cartas etc), Acízelo oferece a seguir em seu livro uma breve reflexão sobre o sentido da coletânea em vista da constituição das histórias literárias, processo iniciado no século XIX que encontrou seu auge e decadência no século XX. As primeiras histórias literárias do XX, tais como as de José Veríssimo (1916), Ronald de Carvalho (1919) e Artur Mota (1930), seriam prolongações do modelo oitocentista, com o encadeamento de autores e obras em ordem cronológica. A bem da verdade, esse modelo não ficou restrito às primeiras histórias da literatura, mas conheceu alguns incrementos provenientes da interpretação dada por diferentes autores a seu próprio empreendimento historiográfico, como é o caso de Nelson Werneck Sodré (1938) e sua tomada do fator sócio-econômico como determinante na explicação da literatura, ou Afrânio Coutinho (1955), que dirigiu



uma equipe de estudiosos orientados a privilegiar o texto em detrimento de explicações de cunho extraliterário na avaliação das obras que compõem a literatura brasileira.

Juntamente com a obra de Afrânio Coutinho, Acízelo aponta como momento alto da historiografia literária no Brasil a *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, de Antonio Candido (1959), ambas sendo consideradas como exemplo de “revitalização das bases de nossa história literária” (vol. I, 21). Após isso, o gênero teria conhecido certo declínio proveniente da ausência de uma renovação na reflexão sobre a constituição da história da literatura, que nem mesmo obras bastante populares puderam suprir, como é o caso, malgrado seus méritos, das histórias de Alfredo Bosi (1970) ou Massaud Moisés (1983). A pá de cal sobre as histórias literárias teria vindo no século XXI, pois a expectativa de novidade e renovação no gênero teria sido inteiramente frustrada com a *História da literatura brasileira* de Carlos Nejar (2007), que não teria trazido, apesar de toda a herança teórica que teria condições de ter mobilizado, qualquer acréscimo a tudo o que já havia sido produzido anteriormente.

Nesse panorama, onde se insere uma volumosa coletânea de textos que versam justamente sobre a história da literatura brasileira? A sugestão de Acízelo parte do reconhecimento de que, apesar da debilidade do gênero história literária, “não é possível prescindir por completo de quadros históricos e sínteses panorâmicas para se estudar a literatura” (vol. I, 22). Nesse sentido, os variados exemplos de reflexão sobre o tema da literatura recolhidos do século XIX ajudam a “conhecer [os] pressupostos e bases conceituais e metodológicas” (vol. I, 22) da prática de elaboração clássica das histórias literárias. Haveria, portanto, certo sentido teleológico a guiar os dois tomos que constituem o livro de Acízelo, pois por eles seria possível “acompanhar a constituição da disciplina [história literária] no Brasil, dos esboços iniciais do tempo da independência à consumação do processo na década da proclamação da república” (vol. I, 22).

Sem que se ignore esse possível emprego do livro, o leitor pode, no entanto, vislumbrar outros ganhos por ele fornecidos. Um deles é justamente o de ter em mãos a reunião de textos que demandariam grande dificuldade para serem encontrados. Embora não sejam todos inéditos em volume, muitos deles estão espalhados por coletâneas as mais diversas. A posse de todos eles em apenas dois tomos permite, portanto, não apenas o acesso fácil, como também sua leitura em sequência, prática que auxilia na elaboração de comparações e faz ressaltar de maneira mais perceptível a semelhança e diferença entre eles. Já aludimos às semelhanças: a recorrência à natureza é quase obrigatória no século XIX para se amparar a ideia de que o Brasil tem um elemento distintivo em relação aos demais países e suas literaturas, sobretudo Portugal.

Justiniano José da Rocha, cujo “Ensaio crítico” sobre Gonçalves de Magalhães é um dos textos reunidos por Acízelo, afirma: “Quando, porém, atendo que nossas paisagens, os costumes de nossos camponeses, em uma palavra, a Natureza virgem da América, inda oferecem quadros tão virgens como ela ao poeta que os quiser pintar; quando me lembro que o azulado Céu dos Trópicos ainda não foi cantado, que nem um só vate fez descansar seus amantes à sombra amena de nossas mangueiras, atrevo-me a esperar que nossa poesia, majestosa, rica, variada e brilhante, como a Natureza que a inspira, nada terá que invejar às seduzidas [sic] descrições europeias de Córídons e Tírsis deitados sempre debaixo de cansadas faias” (vol. I, 42-3).

O próprio Gonçalves de Magalhães faz coro às palavras de J. J. da Rocha, ao falar do Brasil como um país “situado debaixo do mais belo céu, cortado de tão pujantes rios, que sobre leitões de ouro e de preciosas pedras rolam suas águas caudalosas; este vasto terreno revestido de eternas matas, onde o ar está sempre embalsamado com o perfume de tão peregrinas flores” (p. 105 – vol. I). O louvor à natureza, no entanto, não é unânime. Destoam do coro uníssono as palavras de José Inácio de Abreu e Lima, que devem ser lidas sem interrupções: “[...] não temos pudor para dizer “*terra privilegiada, clima delicioso, natureza fecunda, em cujo seio se vê obrando a cada passo o dedo do Criador*”, e outras parvoíces semelhantes; sem lembrarmo-nos que, contemplando os nossos bosques, somos envenenados por uma serpente ou devorados por um tigre; que à beira de nossos lagos e rios estamos expostos a ser presa de um monstro aquático; que a febre periódica é um dom gratuito do nosso ardente clima; que nas costas e rios somos vítimas de milhões de insetos que nos aniquilam, nos consomem e nos devoram; que o mosquito, o bicho de pé, o cupim e a formiga são outros tantos elementos destrutivos de que abunda igualmente o nosso solo (vol. 1, 72. Grifos do autor).

Esse é apenas um exemplo dos acordos e contrastes a serem notados entre os variados textos que perfazem *Historiografia da literatura brasileira*. Apenas a título ilustrativo, dada a impossibilidade de tratar de todos os casos, ressalte-se a importância de contribuições relativamente esquecidas ou desconhecidas, como “Da nacionalidade da literatura brasileira”, de Santiago Nunes Ribeiro, que pode servir para um diálogo frutífero com o mais conhecido “Instinto de nacionalidade”, de Machado de Assis, também presente na coletânea. É possível mencionar também as polêmicas que constituem parte obrigatória da fundação de uma literatura que se quer autenticamente nacional, que deve estar pronta para rivalizar com as concorrentes literaturas estrangeiras, como lembra Bernardo Guimarães: “Só quando aparecer um gênio verdadeiramente patriótico e grande, que, ousando quebrar as cadeias da imitação, alçar o estandarte da regeneração poética, o Brasil possuirá uma literatura nacional!” (vol. 1, 259).

Cabe ao leitor notar afinidades e polêmicas entre os estudos reunidos, perceber as correntes de força a guiar as reflexões, notar o número significativo de autores considerados, no século XIX, indispensáveis para a constituição de uma literatura brasileira que foram solenemente ignorados subsequentemente, e, do mesmo modo, notar aqueles que permaneceram nos cânones resistindo ao tempo e à crítica nem sempre elogiosa. A biografia sucinta, responsável por apresentar cada autor que compõe os dois volumes, com explicações sobre sua atuação na sociedade brasileira, sua trajetória biográfica e os escritos produzidos, ajuda a situar o momento de produção de cada texto. Ao fim e ao cabo, percorrer as páginas todas dessa coletânea de fato pode gerar o efeito desejado por seu organizador: “O contato com tais primeiras tentativas e esboços contribui para neutralizar a impressão de naturalidade e plenitude suscitada pelas grandes obras de história da literatura brasileira publicadas a partir da obra-marco de Sílvio Romero referida” (vol.1, 17).

Leandro Thomaz de Almeida